A Política dos Outros: Antropologia e Política no Estudo da Periferia

MÁRCIA BANDEIRA DE MELLO LEITE NUNES

Com a crise econômica e as mudanças sociais e políticas recentes no Brasil, a periferia de centros urbanos tornou-se tema relevante, não apenas em discursos políticos, mas, também, na análise de cientistas sociais.

O livro de Teresa Pires do Rio Caldeira * é uma contribuição importante e madura às análises do tema.

O principal mérito do trabalho de Teresa Caldeira reside na multiplicidade e na riqueza de interpretações que sua leitura suscita. E, neste sentido remete, diretamente, a dois aspectos fundamentais para a antropologia, em particular, e para as ciências sociais brasileiras, em geral. No que se refere à antropologia, mais especificamente, o trabalho de Teresa Caldeira revela a busca constante e bem sucedida de interação entre trabalho de campo e interpretação antropológica. No que se refere, em termos mais gerais, às ciências sociais como um todo, ele permite um diálogo extremamente profícuo sobre os níveis de integração e interpenetração das ciências sociais no Brasil.

O próprio formato do livro apresenta a concepção básica do tipo de trabalho que a autora pretende desenvolver: o de uma descrição densa (:9), na qual informações sobre a história dos grupos sociais a serem analisados servem como um pano de fundo mais

---

* CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A Política dos Outros: o Cotidiano dos Moradores da Periferia e o que Pensam do Poder e dos Poderosos*. São Paulo: Brasiliense, 1984, 300 pp.

geral para as questões mais substantivas a serem tratadas no decorrer do trabalho.

Estas questões revelam em sua formulação a interpenetração de domínios que a autora pretende analisar: as relações entre organização do espaço urbano, comportamento coletivo de grupos sociais e a organização da vida cotidiana nestes grupos. Como a própria autora assinala no prefácio do livro:

> Entre explicações globais para um tipo de espaço, entendido sempre pelas suas carências, e interpretações para a atuação de seus moradores, invariavelmente analisada pelo aspecto político, restava para mim espaço para grandes dúvidas: o que acontece todos os dias nesses locais tão inóspitos e miseráveis? Como o espaço é usado pelos moradores? Qual é, enfim, a vida que transcorre nesses bairros de periferia? E não era só isso: quem são essas pessoas que passaram a ser qualificadas pelo espaço que ocuparam na cidade ou pelo tipo de comportamento político? Sabia que eram trabalhadores pobres, explorados e, em geral, engajados nas mais variadas ocupações. No entanto, como seria a sua vida cotidiana? Quais os seus gostos, seus valores? O que pensam da sociedade em que vivem, do governo que os dirige e também do vizinho do lado, do namorado da filha? O que fazem no dia-a-dia absorvente do bairro, por vezes tão longínqüo das associações, movimentos e reivindicações? O que é tudo aquilo que existe entre a consciência de sua situação desprivilegiada e a atuação em movimentos sociais? (:8-9).

O livro parte de um nível mais geral, que busca entender a interação de fatores populacionais, econômicos, sociais e políticos nos padrões de urbanização da cidade de São Paulo e, mais especificamente, no processo de periferização de determinadas camadas populacionais na cidade. É nesta primeira parte que Teresa Caldeira mostra que à concentração populacional que caracterizava a cidade no início do século seguiu-se, a partir dos anos 40, um movimento progressivo de segregação espacial das camadas trabalhadoras.

Para este processo contribuíram diferentes fatores. Por um lado, as campanhas sanitárias que visavam eliminar os cortiços — que até então haviam sido uma das principais formas de habitação para as camadas mais pobres da população — considerados como pouco higiênicos e potenciais focos epidêmicos. Por outro, a melhoria no sistema de transportes coletivos, com a introdução do ônibus como principal transporte de massa, em conjunto com a abertura e alargamento de diversas ruas e avenidas, tendo em vista as novas necessidades criadas pelo crescimento do transporte rodoviário. Fi-

nalmente, a criação de loteamentos com lotes de baixo custo, juntamente com uma lei do inquilinato que, desfavorecendo proprietários, levou a uma escassez de imóveis disponíveis para aluguel e estimulou a auto-construção. Em conjunto, todos estes fatores intensificaram o processo de periferização que, segundo os dados apresentados pela autora, continua até hoje:

> A ocupação da periferia deu-se em geral sem planejamento, gerando um espaço confuso e mal equipado. A regra parece sempre ter sido a de ocupar primeiro e cuidar da infra-estrutura depois, ficando o primeiro passo por conta da iniciativa privada e o segundo, presumivelmente, por conta do poder público.
> (...) A expansão da cidade feita com base nesse processo segregador, do ponto de vista social, e caótico, do ponto de vista urbano, teve como resultado a criação de um espaço claramente diferenciado e a exacerbação das marcas sociais. Atualmente este padrão está consolidado e o próprio poder público tem que reconhecer os seus efeitos e se preocupar com eles (:19, 23).

É dentro deste quadro de desenvolvimento urbano que Caldeira situa e descreve o bairro no qual escolheu concentrar o seu trabalho de campo: São Miguel Paulista, que, de uma aldeia indígena no século XVI, entrou, em meados da década de 30, na fase industrial, com a instalação da Companhia Nitroquímica Brasileira no bairro, chegando, finalmente, ao status de bairro com uma alta taxa de crescimento populacional, resultante das levas de migrantes nordestinos que lá se concentraram.

Nesta descrição, dois aspectos adquirem significado fundamental: a descrição das condições de vida dos moradores do bairro e a descrição das formas de participação política e de movimentos sociais dos habitantes de São Miguel Paulista. Dentro do primeiro aspecto, Caldeira ressalta a enorme pobreza e carência de sua população, ao mesmo tempo em que fornece dados sobre outros aspectos concretos da organização do bairro, como, por exemplo, as deficiências na rede de serviços públicos e a relação entre jornada de trabalho e tempo gasto em transporte de e para o local de trabalho.

Na sua descrição das formas de participação política da população, Caldeira aponta para o aspecto fundamental a caracterizar o bairro: uma preferência marcante por partidos de oposição: o PCB e o PTB, inicialmente, o PTB após a passagem do PCB para a ilegalidade e, nas eleições de 1982, o PMDB. E fornece, em seguida, informações sobre outras formas de participação dos moradores do

bairro: a participação em Sociedades de Amigos de Bairro, em suas vertentes recreativas e reivindicatórias, e a participação em Comunidades Eclesiais de Base.

É a partir da constatação do tamanho e da complexidade de São Miguel Paulista, que Teresa Caldeira opta pela análise de uma de suas vilas, o loteamento periférico conhecido como Jardim das Camélias. Com seus moradores a autora convive por seis anos e é nesta vila que ela reside por um período total de três meses. É o material colhido ao longo deste tempo que vai servir de base às duas partes finais do livro: "O Jardim das Camélias" e "Imagens do Poder e da Sociedade".

Em "O Jardim das Camélias", Caldeira dedica-se a esmiuçar a vida dos moradores da vila com paciência e detalhismo etnográficos, combinados com alguns dados estatísticos que permitem a mediação com as informações mais gerais contidas nas duas primeiras partes do livro. A partir de uma descrição extremamente colorida da topografia da vila — contrastada com a sombria constatação da precariedade de seus serviços e de sua infra-estrutura —, a autora passeia pelos detalhes mais importantes do seu desenvolvimento histórico do bairro, da situação de seus moradores no mercado de trabalho, das estratégias de sobrevivência, das condições de vida e do cotidiano das famílias que lá residem.

A maior parte dos dados estatísticos aqui utilizados é proveniente de um *survey* realizado no bairro pela autora e por Cynthia Andersen Sarti, em 1979. Combinados com estatísticas oficiais e com dados apresentados por outros autores, fornecem eles um panorama que permite, em dois movimentos concomitantes, por um lado, apresentar um perfil mais geral dos habitantes da vila e, por outro, apreender as diferentes formas de inserção desta população no mercado de trabalho, as diferentes estratégias de sobrevivência a que recorrem grupos familiares específicos, e os diferentes estilos de vida associados a grupos particulares. Neste sentido, ao mesmo tempo em que aponta para as semelhanças inevitáveis entre a população do Jardim das Camélias e as populações de outros bairros da periferia de São Paulo, a análise empreendida por Caldeira permite a apreensão da forma específica da combinação dos fatores acima, no caso particular da população daquela vila.

É este constante diálogo entre dados estatísticos e informações etnográficas que permite à autora apontar para o fato de que, no Jardim das Camélias, encontra-se "uma amostra significativa dos *trabalhadores vinculados ao mercado de trabalho não-especializado*

de São Paulo e não representantes de um segmento específico ou "marginal" a ele, assinalando:

> Assim sendo, se o termo "periferia" é feliz quando se trata de descrever a configuração espacial da cidade, não pode ser usado para estabelecer características dos tipos de trabalhadores. Ser habitante da periferia não significa ocupar uma posição "periférica" ou especial no mercado de trabalho urbano; não há uma relação unívoca entre a ocupação dos trabalhadores e o local de moradia (:82).

A preocupação de Caldeira com a "descrição densa", termo primeiramente utilizado na antropologia por Clifford Geertz, que marcou e influenciou profundamente a antropologia moderna, revela-se na profusão de detalhes com que a autora descreve estilos de vida, padrões de consumo e o cotidiano dos moradores do Jardim das Camélias. É nesta parte que temas fundamentais para a antropologia clássica, como a percepção cultural do tempo, o significado de redes de parentesco e vizinhança, as festas e os rituais que regem a vida social do grupo (aniversários, casamentos, festas juninas, Natal, Ano Novo, etc.) e as oposições fundamentais entre casa e rua, lazer e trabalho, homem e mulher, velhos e jovens, usos culturais do espaço, etc., se combinam com questões mais gerais relevantes para as ciências sociais como um todo.

Assim é que os elementos acima, já consagrados pela antropologia como temas fundamentais na análise de grupos sociais, quer em sociedades simples ou complexas, são combinados pela autora na proposta de uma rediscussão da expressão "bairros-dormitório", usada por algumas vertentes das ciências sociais, bem como por planejadores urbanos e economistas e administradores dedicados à análise do espaço urbano e sua composição. Em relação à noção de "bairros-dormitório", observa Caldeira:

> Vale a pena pensar um pouco nesta expressão que, diga-se de passagem, é sempre empregada prudentemente entre aspas. Ela parece ter sido cunhada para designar os locais de moradia dos trabalhadores (em oposição aos locais de trabalho) e para aludir ao fato de que aqueles que aí vivem só têm como tempo que não é de trabalho (ou de locomoção para o trabalho) o suficiente para dormir. Ela não considera, contudo, aqueles moradores que não trabalham fora, ou seja, as mulheres, crianças e velhos que, no Jardim das Camélias, são a maioria dos moradores e quase não abandonam o bairro, garantindo-lhe uma vida própria durante os horários de trabalho. Por outro lado, tal expressão não considera também que apesar de as pessoas que trabalham fora passarem pouco

> tempo no bairro, este espaço tem para elas uma grande significação: é aí onde está assentada a sociabilidade, baseada nas redes de parentesco, vizinhança e coleguismo; é aí onde transcorre a "vida" (:114-115).

Como evidência para esta afirmativa, a leitura do restante do capítulo desdobra, de forma ao mesmo tempo sucinta e detalhada, o cotidiano dos moradores do bairro. E, ao fazê-lo, revela que as oposições entre trabalho e vida, local de trabalho e local de moradia, tempo de trabalho e tempo livre, noções estas geradas pela sociedade capitalista, possuem implicações culturais profundas e não podem ser apropriadas acriticamente por aqueles que estudam grupos sociais. Ao se privilegiar apenas o que se passa no universo do trabalho, ou ao se deixar de lado a riqueza da vida social de um bairro devido à ausência física de sua população economicamente ativa de parte das atividades nele realizadas, corre-se o risco, não apenas de endossar as oposições acima, mas, também, de se perder de vista fatores cruciais na organização dos grupos sociais que se pretende analisar.

A análise do cotidiano dos moradores do Jardim das Camélias, durante o período em que parte de sua população — em sua grande maioria os homens, ou jovens que trabalham — está ausente, revela a relação entre situação de vida e projetos de vida e remete à discussão da especificidade cultural das relações entre indivíduos e grupos sociais aos quais eles pertencem.

A percepção da construção da casa própria como um projeto familiar que envolve a cooperação de vários membros de uma mesma família — e, em muitos casos, de grupos de amigos próximos —, durante um longo período de tempo, remete à discussão mais geral das estratégias de sobrevivência de membros das camadas economicamente desprivilegiadas da população. A investigação das formas de utilização do espaço da casa por diferentes membros de um mesmo grupo familiar revela o conteúdo cultural de noções tão valorizadas numa sociedade capitalista, como a noção de privacidade ou a busca de individualidade.

Se, nesta parte do livro, o interesse de Caldeira se dirige para as relações entre condições de vida, organização social e cultural no cotidiano dos moradores do Jardim das Camélias, na última parte, a sua análise se concentra nas percepções do universo de moradores da vila — obtidas por meio de entrevistas — acerca de sua vida, seu cotidiano, a sociedade em geral e, fundamentalmente, a política. As perguntas básicas que ajudaram a autora a organizar o seu

material foram: 1) de que modo a pessoa que fala concebe seu lugar na sociedade?; 2) como funciona essa sociedade?; 3) de que maneira é percebido o Estado e o exercício do poder?

Uma breve descrição dos métodos utilizados na realização destas entrevistas, e uma reflexão mais aprofundada sobre o significado de entrevistas qualitativas na análise da realidade dos grupos que se pretende estudar, compõem a introdução a esta parte do livro. É aí que Caldeira apresenta algumas reflexões acerca do papel da entrevista como um ordenador do cotidiano que é vivido de forma imediata e fragmentária. A entrevista apresenta ao entrevistado, neste sentido, a possibilidade de articular um discurso organizado que estrutura uma visão global das experiências fragmentadas do cotidiano.

Esta característica das entrevistas requer que sua análise proceda de acordo com determinados cânones que permitam, ao mesmo tempo, a apreensão de sua lógica interna e do contexto em que cada um de seus elementos aparece, a apreensão de cada entrevista em relação aos dados obtidos por observação participante, e apreensão destes dados em suas relações internas ao universo entrevistado e observado como um todo.

É este tipo de análise que permite a Caldeira apreender as categorias centrais que regem o discurso de seus entrevistados, bem como os cortes na amostra de entrevistados que permitem variações na forma de apreender e explicar algumas destas categorias. O traço marcante nesta parte do livro é a passagem de um conjunto de categorias que regem o domínio privado da vida dos entrevistados para o domínio público dos elementos que repercutem sobre os primeiros.

Assim é que, dentro do primeiro conjunto, Caldeira mostra as relações entre os vários elementos presentes na vida dos entrevistados e dos habitantes do Jardim das Camélias: o casamento e seu lugar nas representações de homens e mulheres; as representações que orientam os entrevistados nos meandros das diferenças econômicas e sociais entre representantes mais e menos privilegiados dos diferentes grupos sociais. Aqui, um aspecto que, sobremaneira, chama a atenção é o aspecto mitológico que, muitas vezes, aparece nos relatos dos entrevistados sobre coisas ou fatos pertinentes ao mundo dos ricos. Algumas das histórias por eles contadas soam absolutamente fantásticas (como a do pai que diz ao filho para comprar um carro e deixar o carro no aeroporto quando dele se cansasse) e é isto o que lhes dá um sabor particular.

É a partir destes relatos e destas representações que se torna possível apreender, em seus detalhes mais nevrálgicos, as complexas interações entre classes sociais no Brasil e, mais do que isto, os elementos mais sutis buscados por indivíduos e grupos sociais para estabelecerem diferenças sociais menores no interior de grupos já por si só diferenciados. É neste nível que Caldeira analisa as relações entre os projetos de vida dos entrevistados e as suas representações sobre o mundo dos ricos, o poder e o governo. E, neste ponto, se dá, então, a passagem de um conjunto de representações acerca de sua própria vida e das alternativas à sua disposição, para as representações sobre o mundo de fora: o governo, o poder, o mundo da política, analisados, tanto da perspectiva dos entrevistados hoje, quanto de uma perspectiva que escrutina as memórias políticas destes mesmos entrevistados.

Duas diferenças relevantes ressaltam da análise destas entrevistas. A primeira delas diz respeito a uma diferença de gênero: homens e mulheres olhavam a vida de forma diferente e viam o seu lugar no mundo de forma diferente. Os depoimentos femininos revelam um fulcro doméstico básico, onde fatos e eventos eram sempre decodificados em função de sua maior ou menor repercussão na esfera privada de suas vidas, ao contrário dos depoimentos dos homens, mais centrados na esfera pública. A segunda diferença diz respeito às especificidades encontradas nos depoimentos daqueles que desempenharam papel político ativo no período de 1945 a 1964.

A análise realizada nesta última parte do livro extrapola a sua relevância antropológica e, remetendo a um conjunto de questões centrais para a sociologia e a ciência política, desvenda aspectos essenciais para a compreensão do comportamento político de uma parcela extremamente relevante da população brasileira. As discussões sobre a cidadania, os direitos do cidadão, as relações entre os cidadãos e o governo, o lugar dos trabalhadores na sociedade brasileira, as relações entre riqueza e poder político, as representações sobre a participação política de camadas não-privilegiadas da população constituem, hoje, tópicos fundamentais para os cientistas sociais interessados em captar as continuidades e descontinuidades na sociedade brasileira nos últimos 50 anos.

O trabalho de Teresa Caldeira é, a meu ver, uma contribuição fundamental para esta tarefa. Se os depoimentos por ela colhidos já são, em si mesmos, sugestivos da riqueza e da relevância do tema, a sua análise representa um passo importante na busca de interpretações das relações entre sociedade e política no Brasil.

Reservo este último parágrafo para uma palavra final acerca do estilo do livro. Quando nós, cientistas sociais, já nos acostumamos a ouvir constantes reclamações do público leigo sobre o hermetismo da maioria de nossos escritos, crivados de jargão só inteligível para os felizes iniciados na área, a leitura deste livro transforma-se numa atividade extremamente prazeirosa. Sem abandonar o rigor de uma análise bem feita e o compromisso com os temas fundamentais da disciplina, Teresa Caldeira escreve de forma extremamente elegante, fruto, certamente, de sua experiência profissional anterior em redação jornalística. Porque muito bem escrito, o livro é de leitura agradável e flui naturalmente, sem os percalços que, tantas vezes, caracterizam a literatura mais especializada. O prazer derivado de sua leitura só pode ser comparado à satisfação de descobrir que a sua publicação representa contribuição fundamental, que vem se juntar à bibliografia já existente sobre o tema, para a análise dos segmentos mais pobres da população brasileira.